

A Religião Estática e a Religião Dinâmica

Benedito Aparecido Cirino

Resumo

Este texto apresenta a relação entre duas características de religião a partir do paradigma filosófico da religião de Henri Bergson. Também faz uma pequena referência ao atrelamento, defendido pelo autor de “As Duas Fontes da Moral e da Religião”, da religião aos ditames morais e às ordens que regem as sociedades.

Palavras-chave: Intuição, moral, religião, mística.

Abstract

The Static Religion and the Dynamics Religion

This article presents the relationship between two characteristics based on the religions philosophical paradigm of Henri Bergson. It also refers to the link between religion and rules of morals that governs societies as defended by the author of the two source of morals and religion.

Key words: Institution, morals, religion, mystic.

Introdução

O que se pretende com este escrito é mostrar que, a partir de um referencial filosófico que se propõe alternativo à tendência filosófica tradicional de pensamento embasado quase que exclusivamente na via racional de interpretação do real, a filosofia de Bergson apresenta uma compreensão do fenômeno religioso como sendo algo oriundo da estruturação inteligente das ordens sociais e morais dos seres humanos. Porém isso seria apenas um aspecto da realidade religiosa, paralelamente parece ocorrer um movimento profundo, justamente por isso mais ligado à realidade, gerador de compreensão mística religiosa da religiosidade humana. Como as duas atividades se interrelacionam e interferem na formação do conjunto de preceitos morais é a proposta bergsoniana da religião.

1. A relação entre moral, inteligência e religião.

A religião para Bergson é um elemento fundamental da moral. Poderíamos dizer que ela, juntamente com a inteligência e a emoção, sustenta todo o conjunto de normas de conduta do ser humano: *“Encontra-se no passado, e se encontrariam até hoje sociedades humanas que não possuem ciência, nem arte, nem filosofia. Mas nunca existiu sociedade sem religião”*.¹

¹ BERGSON, Henri. *As Duas Fontes da Moral e da Religião*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1978.

À religião que nos referimos inicialmente é aquela ligada às superstições, ou seja, aquelas mais próximas das sociedades primitivas. À primeira vista poderíamos ser levados a entender a relação entre inteligência e superstição, como sendo uma oposição. A inteligência deveria ser esclarecedora da nossa mentalidade. Ensinar a realidade do mundo, de modo que o ser humano procure fazer o melhor possível para a humanidade. Sendo o homem um “*animal inteligente*”, não deveria aceitar tantos descabros ocorridos ao longo de sua história. A superstição, à luz da inteligência, deveria ser algo condenado ao desaparecimento, uma vez que não é condizente com a inteligência. Mas o pensamento supersticioso persiste, atuando para a degeneração moral. É nesse sentido que a investigação bergsoniana visa à gênese da moral. Percorrendo o caminho que parte da realidade de seu tempo vai até os povos primitivos. Ali se constata uma moral totalmente permeada de superstições religiosas. Este fato seria determinante para a diferenciação entre *moral primitiva* e *moderna*? Os “*homens comuns*”, contemporâneos do filósofo, pensariam plenamente desvinculados das superstições? Se fosse assim, seria possível uma distinção entre povos *racionais* e *irracionais*? A resposta a todas estas questões, é negativa. Não há como concordar com aqueles que afirmam a superação por meio da inteligência, dos elementos irracionais nas atitudes morais. A colocação dos civilizados num nível superior ao não civilizado, continua não respondendo ao fato de se continuar a aceitar os atentados contra o ser humano. Atentados que constatamos pela experiência, a qual mostra a permanência do irracional, mesmo que intelectualmente se afirme sua eliminação:

“Queira ou não, o leitor dos belos livros de Lévy-Bruhl irá tirar deles a conclusão de que a inteligência humana evolui; a lógica natural não teria sido sempre a mesma; a “*mentalidade primitiva*” corresponderia a uma estrutura fundamentalmente diferente, e que a nossa teria suplantado e que só se encontra hoje nos povos retardatários”.²

Com isso a análise levaria ao isolamento da inteligência numa ponta da linha evolutiva como se superstição fosse coisa do passado. Mas no civilizado há também atos imorais contra o homem. Ou seja, se a superstição for responsável por atos contrários ao bem da humanidade, e na civilização havendo tais atos, quer dizer que a superstição continua existindo. A questão é a do entendimento de como o homem racional mantém a superstição, sendo que essa seria irracional. Como entender essa contradição?

Bergson considera que para resolver a questão faz-se necessária eliminar a distinção entre “*civilização*” e “*mentalidade primitiva*”, feita no sentido em que se coloca a primeira em vantagem em relação à segunda, quando os positivistas interpretam a “*mentalidade primitiva*” como irracional. Tal interpretação deve ser questionada tendo em vista que a irracionalidade está muito próxima da inteligência, como veremos a seguir, do que possa parecer a um primeiro olhar.

À substituição de “*mentalidade primitiva*” é colocada a noção de “*mentalidade coletiva*”. O motivo da substituição está na sua fundamentação nos argumentos de Emile Durkheim:³, com o qual, até certo ponto, Bergson concorda. A “*mentalidade coletiva*” é aquela que produz representações explicativas da realidade social:

“Admitiremos de bom grado, quanto a nós, a existência de representações coletivas, depositadas nas instituições, na linguagem e nos

² Ibid. p.86.

³ Ibid. p.87 Apud: *Anné sociologique*, vol. II, pp.29 e segs.

costumes. Seu conjunto constitui a inteligência social, complementar das inteligências individuais.”⁴

A “*mentalidade coletiva*”, juntamente com o esforço da inteligência em produzir a analogia entre as ordens sociais naturais e ordens sociais humanas garantem a afirmação da existência de uma pré-formação das funções sociais no ser humano. A natureza impôs ao homem viver em sociedade. Mesmo que nem tudo seja determinado, como é no caso dos insetos, há uma intenção da natureza em colocar no indivíduo uma disposição para a vida em sociedade. A prova disso é a reação de um indivíduo quando colocado à parte de uma sociedade, sua tendência é a de se sentir como um órgão separado de um organismo:

“...fora da colméia a abelha se estiola e morre; isolado da sociedade ou não participando o suficiente de seu empenho, o homem sofre de um mal talvez análogo, bem pouco estudado até agora, que se chama de enfado;...”⁵

Isso é a prova de que o homem possui de certa forma um “*senso social*”. Tal senso exerce uma força sobre o indivíduo para que se mantenha como ser social. Há uma energia pressionando o indivíduo no sentido de pertinência ao coletivo. Mas isso individualmente não é suficiente para mantê-lo agregado ao corpo social. A natureza carece de mais instrumentos.

1.2. A inteligência e a fabulação.

Apesar do relevante papel das “*representações coletivas*”, no que refere ao sentimento de pertinência ao conjunto, elas não são determinantes do entendimento acerca do irracional no ser humano. Isolando o indivíduo do coletivo, continuaria existindo nele, em nível psicológico, elementos irracionais. Diante disso, torna-se necessária uma análise do indivíduo. Esse trabalho foi desenvolvido pela psicologia contemporânea de Bergson, a qual concluiu pelo apontamento de que as superstições são resultados da imaginação do indivíduo. A contestação bergsoniana é a de que essa imaginação, ao ser genérica, configura-se muito abrangente, pois engloba as invenções científicas e artísticas, as quais são muito diferentes de superstições. Frente a isso ele propõe a separação da *superstição* do rol da imaginação geral:

“...Concordemos em pôr à parte as representações fantasmáticas, e chamemos “fabulação” ou “ficção” ao ato que a faz surgir. Será um primeiro passo para a solução do problema.”⁶

Tal função é responsável pelas criações de fantasias ligadas à dramaturgia, imaginações responsáveis por criações artísticas; o que nos leva a crer que esse deve ser o seu papel, mas avaliando mais profundamente, poderemos observar que seu objetivo é o de produzir religiões:

“É, pois, provável que poemas e fantasias de todo gênero tenham vindo por acréscimo, aproveitando-se de que o espírito sabia fazer fábulas, mas que a religião era a razão de ser da função fabuladora:...”⁷

⁴ Ibid. p.87.

⁵ Ibid. p.88.

⁶ Ibid. p.90.

⁷ Ibid. p.90.

Então a religião é algo que resulta de uma necessidade da natureza, a qual produziu o ser humano inteligente, por isso livre, porém designado a viver em sociedade. A inteligência poderia superar a condição do indivíduo como membro social, pois sendo a racionalidade, o instrumento humano de busca de superação das determinações naturais, o “*senso social*” colocado pela natureza no indivíduo, corre o risco de esfacelamento. Isso quer dizer que a inteligência carece de certa limitação nos seus avanços. Como a natureza pode fazer isso; colocar limites no instrumento designado para a eliminação de limites? Através da **função fabuladora**. Algo próximo da inteligência, mas fundamentalmente ficcionista.

Para Bergson a inteligência tem uma certa tendência a se pautar em bases empíricas, haja visto o trabalho inteligente de aproximação, pela analogia, entre sociedade humana e sociedade de insetos. Sendo que a segunda possui uma ordem perceptível empiricamente, por isso determinada, a inteligência a deseja como objetivo a ser alcançado pelos homens.

De acordo com isso o bloqueio do movimento pleno da inteligência só é possível se a ela se apresentem elementos que sejam, pelo menos aparentemente, empíricos. Como fazer isso com coisas irreais, isto é, com superstições; afirmações não experimentáveis empiricamente? A resposta de Bergson é taxativa: “*falsificando experiências factuais*”. Apresentando imagens de grande força expressiva, capazes de serem aceitas como realidade:

“Uma experiência sistematicamente falsa, erguendo-se diante da inteligência, poderá detê-la no momento em que vá muito longe nas conseqüências que tire da experiência verdadeira. Assim, pois, teria procedido a natureza.”⁸

Dessa forma, a fabulação está ligada a uma tendência do ser humano a guiar-se pela “*análise*”, a qual é obra da inteligência que, como nos é mostrada em “*La Pensée et le Mouvant*”, visa à produção de elementos úteis ao homem. A manutenção da sociedade é algo útil à vida do indivíduo humano assim como é à vida do indivíduo invertebrado, onde a natureza conseguiu a plenitude da determinação. Por isso a inteligência é, por sua limitação natural, ou seja, sua marca analítica, conivente com os erros, quando nos referimos às aberrações contra humanidade decorrentes de superstições religiosas. A indução ao erro visa à demonstração consistente, para o indivíduo, da existência da ordem social “*natural*” que não pode ser destruída. Mesmo que a racionalidade, uma parte da inteligência, diga o contrário; que a ordem social humana é construída e pode ser reconstruída pelo homem. Toda operação para Bergson é semelhante à de um “*instinto virtual*”, muito parecido com o do “*instinto real*”, existente no inseto:

“Digamos provisoriamente que é do ‘instinto virtual’, entendendo por isso que na extremidade da outra linha da evolução, nas sociedades de insetos, vemos o instinto provocar mecanicamente uma conduta comparável, por sua utilidade, à que sugerem ao homem, inteligente e livre, imagens quase alucinatórias.”⁹

Assim a inteligência, ao lado da natureza, trabalha para a conservação da disposição individual, centrada no “*senso social*”, para a vida em sociedade e manutenção da ordem social de “*sociedades fechadas*”. Além do argumento sociológico, referente ao “*senso social*”, Bergson nos apresenta um argumento biológico, esse referindo-se à vida, para afirmar a tendência à

⁸ Ibid. p.91.

⁹ Ibid. p.92.

naturalidade da sociedade tanto nos insetos quanto nos humanos. Essa teria se manifestado já no início do processo evolutivo da vida:

“Foi possível dizer que o indivíduo era já uma sociedade: protozoários, constituído de uma única célula, teriam constituído agregados, os quais, aproximando-se por sua vez, teriam dado agregados de agregados; os organismos mais diferenciados teriam assim sua origem na associação de organismos mal diferenciados e elementares.”¹⁰

A tendência biológica foi a que deu origem às duas formas de sociedade; a de insetos, guiada puramente pelo instinto. Por serem instintivas, programadas biologicamente, tendem à quase total imutabilidade. Na outra ponta existe a sociedade humana, sem a programação biológica para as funções sociais, nos moldes da outra, com indivíduos inteligentes, possuem a marca da mudança sempre num sentido progressivo:

“Das duas condições estabelecidas por Comte, ‘ordem’ e ‘progresso’, o inseto só quis a ordem, ao passo que é o progresso, às vezes excluindo a ordem e sempre devido a iniciativas individuais, a que visa uma parcela pelo menos da humanidade.”¹¹

1.3. Os cuidados da natureza com a inteligência.

O movimento progressivo nas formas de sociedade humana é obra da inteligência, mas devemos lembrar que inteligência e instinto estiveram juntos no início do processo evolutivo. Ao separarem-se não se tornaram, para Bergson, puramente uma coisa e outra. Cada elemento manteve resquícios do outro: *“Mas não se deve esquecer que resta uma franja de instinto em torno da inteligência, e que lampejos de inteligência subsistem no fundo do instinto”*¹²

Justamente devido ao instinto que resta na inteligência, é possível à natureza colocar limites na inteligência. O resto de instinto abre espaço para a atuação da **“função fabuladora”**, a qual cria religiões com o papel de alertar contra os perigos dos pensamentos racionais, que intelectualmente um indivíduo possa ter. A necessidade desse alerta é decorrente da forma que o progresso é realizado. Sendo o movimento feito por iniciativa de indivíduos, é possível que essa inteligência individual mostre que seria mais vantajoso ao autor, pensar apenas em si próprio, em detrimento da preocupação com o todo social. A criatividade é dependente da inteligência, a vida evolui de forma criativa na natureza, a qual deu origem aos indivíduos e às sociedades, mas sua intenção fundamental, para Bergson, está voltada mais para a sociedade. Isso é verificável no que ela conseguiu com as sociedades de insetos:

“...o social está no fundo do vital. Se, nessas sociedades que são já os organismos individuais, o elemento deve estar pronto a se sacrificar pelo todo, se o mesmo é assim nessas sociedades de sociedades, que constituem, no extremo de uma das duas grandes linhas da evolução, a colméia e o formigueiro... é que a natureza se preocupa mais com a sociedade que com o indivíduo.”¹³

¹⁰ Ibid. p.97.

¹¹ Ibid. p.98.

¹² Ibid. p.98.

¹³ Ibid. p.99.

A sociedade humana, diferentemente da instintiva, não se encontra assim no ápice da evolução, sua mobilidade continua no movimento criativo vital. Há uma liberdade inventiva da inteligência, mas uma liberdade que só pode ir até o ponto em que não atente contra a intenção primordial da vida: *“Se a inteligência ameaçar agora romper em certos pontos a coesão social, e se a sociedade deve subsistir, é preciso que, haja um contrapeso à inteligência.”*¹⁴. O que realizará o balizamento, se, diferentemente dos animais irracionais, o resto de instinto é muito pouco expressivo no homem? A **função fabuladora**, apoiando-se nos fragmentos de instintos restantes, dá conta desse trabalho. Se não ocorresse dessa forma, a moral dessa sociedade seria a do total egoísmo, ou seja, o conjunto desejado pela natureza estaria fragmentado. Mas a **religião estática**, criada pela ficção, se coloca como freio da inteligência, e tudo volta ao lugar natural: *“Encarada desse primeiro ponto de vista, a religião é pois uma reação defensiva da natureza contra o poder dissolvente da inteligência.”*¹⁵

O conjunto das obrigações morais fundamenta-se e tira suas forças da **“religião estática”**, a qual contribui fornecendo suporte moral para o fortalecimento das atitudes sociais. Os indivíduos habitualmente seguem os ditames coletivos. A moral é corretamente seguida na medida em que os indivíduos se esforcem no sentido da coesão da sociedade. Assim a coesão depende da observação, pelos membros sociais, das explicações religiosas do mundo:

“Tudo o que é habitual aos membros do grupo, tudo o que a sociedade espera dos indivíduos, deverá portanto assumir um caráter religioso, se é verdade que pelo cumprimento do costume, e por ele somente, o homem está ligado aos demais homens e desligado assim de si mesmo.”¹⁶

O cumprimento da moral objetiva contemplar aquilo que está acima de tudo: o corpo social. Os homens estão ligados aos outros desse mesmo grupo, o que implica seu desligamento do conjunto da humanidade. Cada sociedade desse tipo é fechada em si mesma. Ao lado dessa atividade, reguladora da inteligência, a **“função fabuladora”** dirige-se à solução de uma outra questão, relacionada à sociabilidade, porém de fundo natural mais evidente; o problema aqui é o da percepção da morte. A solução para isso só pode ser dada pela fabulação, devida à sua facilidade de explicação religiosa.

A vida está em toda natureza. Mas a morte é o final de todos os seres animados. Desses, pelo menos o que tudo indica, apenas o humano sabe qual será o seu destino final. A inteligência mostra isso a ele: *“Mas o homem sabe que morrerá. Todos os demais seres vivos, apegados à vida, adotam-lhe simplesmente o impulso.”*¹⁷

A percepção da morte pelo homem é algo que contraria os propósitos da natureza, a qual tem por meta o movimento sempre adiante. A percepção do fim da vida é extremamente deprimente. É a percepção da falta de sentido da vida. A constatação é o resultado do trabalho de análise da inteligência, a qual é capaz de mostrar ao humano que seus semelhantes morrem, a partir daí é só fazer a generalização para se ter certeza de sua própria mortalidade, mesmo não se sabendo exatamente quando, isso é garantido. Diante disso não há porque aceitar as obrigações sociais e, por decorrência, as obrigações morais. A razão constatou a deprimente realidade. A **fabulação** resolve, para Bergson, o impasse apresentando: *“a imagem convincente”*:

¹⁴ Ibid. p.99.

¹⁵ Ibid. p.101.

¹⁶ Ibid. p.102.

¹⁷ Ibid. p.108.

“À idéia de que a morte é inevitável ela contrapõe a imagem de uma continuação da vida depois da morte; essa imagem, lançada por ela no campo da inteligência onde acaba de se instalar a idéia, recoloca as coisas em ordem; a neutralização da idéia pela imagem manifesta então o próprio equilíbrio da natureza, evitando escorregar.”¹⁸

A imagem apazigua o indivíduo que se fortalece para o cumprimento de seus deveres. A sociedade tranqüiliza-se com o fim do risco de colapso. A forte crença nessa imagem será posteriormente a responsável pela criação do culto aos mortos, componente obrigatório das religiões primitivas: “*Mais tarde virá o culto dos antepassados. Os mortos serão então assemelhados aos deuses.*”¹⁹ Isso tudo atua para a cristalização da moral que almeja o estado estático, próprio das “**sociedades fechadas**”.

A sociedade que caracterizamos até aqui exerce um poder quase pleno sobre o indivíduo. Sua moral busca sempre se cristalizar e seu cumprimento se resume em os membros sociais cumprirem os deveres para com o conjunto. De nada valeriam vislumbres de percepção das irracionalidades cometidas contra outros humanos, porque em nome da unidade, tudo que for prescrito pelas superstições religiosas, é válido incontestavelmente.

Observando a história podemos encontrar absurdos tão grandes que talvez sejamos tentados pela qualificação dos primitivos como pré-rationais, mas como vimos nas análises bergsonianas, não é assim. O que poderemos constatar, de fato, é a eficiência da fabulação na indução da inteligência ao erro de interpretação. Com isso a caracterização que nos é apresentada é a de uma moral estagnada, senão plenamente, quase isso. Agora nossa atenção deve voltar-se para a civilização.

2. A civilização, a mística e o progresso moral

A civilização deve ser colocada não mais como superior, e sim como diferente. Veremos que há um movimento na moral da civilização, embora essa ainda sofra com a força paralisante da *moral estática*. Como tornou-se possível o desenvolvimento do estágio primitivo para o que conhecemos hoje como civilização? Pelos apontamentos de Bergson parece-nos que não poderíamos conceber como mudança de estágios até um grau mais elevado chamado civilização. Porque isso nos obrigaria a conceber o primitivo irracional e o civilizado, como detentor de razão. O argumento bergsoniano, como já vimos, contesta enfaticamente a teoria da superação do irracional pelo racional. O primitivo é inteligente, o que o qualifica como racional, mas sua conduta moral é dirigida pela fabulação. O que o faz parecer irracional. Por outro lado a civilização pode ser qualificada como moralmente melhor do que as sociedades primitivas. O que teria permitido essa diferença?

Inicialmente, perante tudo que foi falado da “**religião estática**”, pode parecer estranho, porém a resposta de Bergson é a de que a religião é a responsável pela mudança. Na verdade o que foi dito da religião referia-se àquela resultada da fabulação, portanto seu ensejo é o da cristalização dos preceitos funcionais para o apego do indivíduo ao grupo e à vida. Agora a religião que propicia a transformação moral é outra quase totalmente diferente. A anterior se qualificava pela fixidez, esta é marcada pelo movimento constante; ela é a **religião mística**.

¹⁸ Ibid. p.109.

¹⁹ Ibid. p.109.

A via mística é tomada por Bergson como a única alternativa possível diante das qualidades e funções da inteligência, percebidas por ele, quando sua análise demonstrou que a racionalidade pura opera apenas num sentido: no da moralidade prática. Justamente por isso não é capaz de dar conta do todo, ou seja, também do movimento da moralidade. Uma das causas da incapacidade, vem do propósito da natureza em suprir, pela inteligência, as necessidades materiais para a manutenção da vida humana em sociedade. Inseridos nessa operação os homens só percebem que precisam participar de uma eterna disputa entre si. Por isso a vida humana, no que refere às relações entre todos os homens, passa a ser a “*grande questão*”, uma vez que o problema relativo aos instrumentos de sobrevivência já é resolvido de forma eficaz, pela inteligência.

O **misticismo** se liga estreitamente à questão da vida, pois a vida em geral não pode ser explicada de forma plena, pelas investigações científicas, porque alguns elementos escapam à sua compreensão, principalmente a mobilidade vital. Diante das dificuldades de compreensão plena do elemento vital, Bergson preferiu trabalhar com a noção de “**impulso vital**”, conceito bastante discutido na obra “*L’Évolution Créatrice*” e retomado em “*Les Deux Sources de la Morale...*”, quando contesta a intenção da fisiologia de encontrar uma explicação pura e simplesmente, físico-química da vida:

“Limitemo-nos, pois, à experiência: diremos – e mais de um biólogo o reconhece – que a ciência está mais longe do que nunca de uma explicação físico-química da vida. Foi o que verificamos em primeiro lugar quando falávamos de um impulso vital”.²⁰

O que não é abarcado pela fisiologia, o “*êlã vital*”, constitui-se no **mistério** da vida. Assim o misticismo passa a ser o meio pelo qual alguns seres humanos podem se aproximarem o máximo possível do mistério e conhecê-lo melhor. Esse misticismo é religioso na medida em que o mistério da vida é concebido como divino:

“A nosso ver, o advento do misticismo é uma tomada de contato, e por conseguinte uma coincidência parcial, com o esforço criador que a vida manifesta. Esse esforço é de Deus, se não for Deus mesmo. O grande místico seria uma individualidade que ultrapasse os limites impostos à espécie por sua materialidade, individualidade que continuasse e prolongasse assim a ação divina.”²¹

O misticismo tem em comum com as religiões primitivas apenas sua denominação: **religião**. A religião primitiva realiza um esforço no sentido da aproximação da inteligência, auxiliando-a. O misticismo almeja a aproximação à criatividade do impulso de vida. É o caminho para se conhecer a “*realidade*” vital.

Do nosso ponto de vista consideramos importante observar que o filósofo operou aqui com um pensamento bastante similar ao aplicado na “*análise*” crítica da inteligência como forma de compreensão da “**Duração**”. Em “*La Pensée et le Mouvant*”, foi apontada, com base na compreensão da ciência e da metafísica clássica, a insuficiência da inteligência para a explicação plena do “**tempo real**”. Frente a isso a sugestão bergsoniana foi a de filosofar com a **intuição**, a qual deve ser aplicada na investigação da duração interna do sujeito e relacionada com a **duração** do universo. Quando o tema passou a envolver a vida, a moral, a sociedade e

²⁰ Ibid. p.93.

²¹ Ibid. p.182.

a religião, somente a *mística*, com sua base intuitiva é capaz de fornecer a melhor compreensão do movimento inerente à vida e as questões que a envolvem. O argumento bergsoniano apresenta-nos duas formas de misticismo, que embora não completos, possuíam algumas características do misticismo pleno. Seu objetivo parece ser o de introduzir a defesa da compreensão do cristianismo como o “*misticismo completo*” e mostrar a força transformadora de Cristo apresentado aqui como o mais completo místico.

2.1. A religião mística completa

A maior abertura moral, nesse sentido o maior avanço rumo à humanidade só poderá decorrer do misticismo completo. Uma vez que ele é o puro movimento que procura coincidir-se com a mobilidade da vida. O misticismo cristão seria o único detentor de tal poder: “*O misticismo completo é com efeito, os dos grandes místicos cristãos.*”²²

Para essa afirmação o filósofo faz uma caracterização do verdadeiro místico. Por conta da “*evolução interior*”, alguns místicos foram comparados a doentes mentais. Ao falarem de seus “*êxtases*”, “*visões*”, “*sobressaltos*”, “*arrebatamentos*”, podem ser facilmente tomados como portadores de deficiências psicológicas. Isso é decorrente das dificuldades que temos na distinção entre doentes e saudáveis do ponto de vista da racionalidade. Isso porque os doentes também podem ter visões “*estranhas*”. Os místicos perceberam essa questão, tanto que fizeram um alerta a respeito dos problemas relativos à alucinação. Observaram que não se deve superestimar as visões:

“Eles foram os primeiros a precaver seus discípulos contra as visões que podiam ser puramente alucinatórias. E às suas próprias visões, quando as tinham, geralmente atribuíam importância meramente secundária: eram incidentes do caminho;...”²³

Uma outra qualidade do “*gênio místico*” é o de sempre retomarem o estado de inquietação, a qual não é constante, porque ao místico há uma possibilidade do encontro da “*iluminação*” a partir de certo contato com a “*vontade divina*”, presente na mobilidade do “*impulso vital*”. Tal encontro elimina, por algum instante, todos os problemas, mas os instantes passam rapidamente, mostrando ao “*gênio*” a impossibilidade da fusão plena com a “*divindade*”. É quando ele retorna ao estado de inquietação. O instante de “*iluminação*” é o êxtase, que ao verdadeiro místico não deve ser o ponto culminante do processo. Sua relação com a “*divindade*” é de “*pensamento*” e “*sentimento*”, faltando um elemento que aparece apenas na “*divindade*”: a “*vontade*”. Essa ausência impede a plenitude da relação entre o “*gênio*” e o “*divino*”, pois a vontade mística não chega a se confundir com a vontade plenamente divina:

“Ela, (inquietação), mostra de fato que a alma do grande místico não se detém no êxtase como no final de uma viagem. É, isto sim, o repouso, se quisermos, mas como numa parada em que a máquina ficasse sob pressão, com o movimento continuando no mesmo lugar em abalo, até novo salto para frente.”²⁴

²² Ibid. p.187.

²³ Ibid. p.189.

²⁴ Ibid. p.190.

A pessoa capaz dessa relação com o mistério da vida tem em si, justamente por não se estagnar no êxtase, a potencialidade da transformação moral; ela coloca as outras pessoas no movimento para frente, isto é, ela imprime energia, ou exerce uma atração, que pode movimentar o ser humano no sentido da percepção do amor, ou melhor, da “*vontade*” de amar a humanidade, como faz a própria “*divindade*”. Com isso o homem deve se afastar daquela tendência ao fechamento na moral dos grupos em oposição à humanidade. Nesse sentido Bergson aponta a religião cristã como a portadora da proposta mais avançada para o encaminhamento do homem rumo a humanidade. Porém devemos observar desvios desse processo a partir da transposição da mística de cristo em religião institucionalizada, passagem que se faz necessária para a difusão da percepção mística de Cristo.

Conclusão

O esforço de bergson foi feito no sentido de mostrar a complexidade da relação entre religiosidade e religião, elementos que atuam em conjunto na formação do comportamento do ser humano. Comportamento de base psíquica, social e ético. Complexidade que torna-se mais evidente quando um pensador se propõe a avaliar uma questão por uma proposta de defesa da intuição como via de compreensão e ao mesmo tempo de crítica do racionalismo de base kantiana para a interpretação do comportamento moral, o que é bastante evidente ao longo da obra “As Duas Fontes da Moral e da Religião”.

Se a interpretação bergsoniana estiver correta um desafio se impõe a toda humanidade: como equacionar o problema da distância entre os interesses da inteligência fabricadora dos meios de manutenção da existência e as percepções intuitivas mais profundas do sentido da vida. Como fazer a coincidência entre o *elã vital* e interesses de produção de objetos que nem sempre visam ao bem do homem? Como realizar a religião que espelhe com maior identidade possível a religiosidade humana?